



Satyrizando a Praça Roosevelt: Os 20 Anos da Cia. De Teatro Os Satyros¹

Dado CARVALHO²

Ana Raquel SAMADELLO³

Juliana DOMINGUES⁴

Rodolfo Carlos MARTINO⁵

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O livro conta da história dos 20 anos da Cia. de Teatro Os Satyros e os 40 anos da Praça Roosevelt. Os dois temas são complementares: a praça foi construída para ser um marco de São Paulo durante a ditadura militar, período de ostentação de poder. Por conta de uma série de equívocos – de projeto e de execução –, a praça se tornou uma ferida aberta no centro da cidade, contribuindo para o processo de marginalização do local. Foi justamente ali que Os Satyros escolheram para se instalar, por conta da postura questionadora do grupo – em vez de buscarem áreas mais nobres, preferiram o centro marginalizado. Tal ação fez a companhia enfrentar cenário hostil. Porém, a presença do grupo fez daquele esquecido lugar um forte ponto de irradiação cultural. É fato que a marginalidade ainda existe. No entanto, a presença da cultura já se mostrou capaz de realizar transformações na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: teatro; São Paulo; Satyros; Praça Roosevelt; urbanização.

INTRODUÇÃO

A Companhia de Teatro Os Satyros passou a ser identificada como autora da transformação da Praça Roosevelt de um lugar degradado e entregue à marginalidade em um promissor foco das artes teatrais na cidade de São Paulo. Porém, antes de chegar à praça, Os Satyros tiveram que criar toda uma filosofia acerca do seu trabalho dramático para se estabelecer como uma companhia de grande relevância no cenário teatral.

Os métodos utilizados foram pouco ortodoxos, levando para o palco questões das mais delicadas da natureza humana e da sociedade. Muitas vezes, tal ousadia os colocava em posição marginal em relação às outras companhias teatrais existentes. Este foi um dos motivos que os levaram para a Praça Roosevelt depois de um período de sete anos na Europa.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro Reportagem.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: dadocarvalho@ymail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: a.samadello@terra.com.br.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: juliana.g.domingues@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Curso de Jornalismo, email: rodolfo.martino@metodista.br.



Afinal, como os Satyros conseguiram, lançando mão de seus pouco ortodoxos métodos, transformar o entorno de todos os locais por onde passaram? Como a Praça Roosevelt, após tantas tentativas de ser transformada em um ambiente mais habitável, pôde ser revitalizada através do teatro alternativo? Como a cultura, típica daquela parte do centro da cidade de São Paulo, resistiu aos anos de intensa decadência que tomaram conta da praça após a construção dos elevados?

Breve contexto

Antes de a praça ser o que é hoje, existia uma fazenda de café de propriedade da Família Prado. Em 1940, quando o local já estava praticamente desolado, o então prefeito, Francisco Prestes Maia, resolveu criar ali a Praça da Consolação. Em apenas quinze dias, foi feita a demolição do casarão, derrubada das árvores, carpinagem etc., ficando somente a Igreja da Consolação.

Em 1950, a praça ganhou asfalto e mudou de nome, Praça Franklin Delano Roosevelt, em homenagem ao presidente americano (que morreria em decorrência de uma febre amarela contraída em passagem pelo Brasil). Basicamente, a praça servia como local para feiras aos fins de semana e estacionamento a céu aberto nos demais dias.

A região era freqüentada pelos mesmos intelectuais da época da Família Prado. No início dos anos 60, com a febre da bossa nova iniciada no Rio de Janeiro, a praça passou a ser o ponto de encontro dos intelectuais ligados à boemia. Nessa época a praça era repleta de bares e restaurantes que, durante a noite, cantores como Elis Regina, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, João Gilberto se apresentaram.

Em 1966, teve início o novo projeto da praça idealizado pelo regime militar, pois devido ao público freqüentador da praça – intelectuais e boêmios – e ao Partido Comunista ser sediado aos arredores, foi a opção encontrada para reprimir um foco de subversão em potencial. O projeto, do paisagista português Roberto Coelho Cardozo, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo), era o seguinte: construir um elevador de uns dez metros de altura que ligaria o centro ao bairro da Barra Funda, totalizando 3 400 metros de comprimento.

Este elevado estaria ligado à Radial Leste. No ponto de ligação, embaixo da Praça Roosevelt, seria feita uma enorme construção, a nova Praça Roosevelt, que consiste em três patamares, a quase cinco metros do chão, sendo o patamar central em forma de pentágono, com quase cinco mil metros quadrados de concreto. Os outros dois patamares, mais ou menos triangulares, formariam uma espécie de asas ao lado do pentágono. Rampas dariam acesso aos patamares. Embaixo dos patamares, o chamado "baixo da praça", no nível da rua, funcionariam um supermercado, uma escola infantil, uma agência dos correios, uma loja de flores, uma banca de revistas e uma loja de artigos pitorescos, como coleção de selos e moedas. Haveria também um espaço para exposições de arte.

No alto, um obelisco de 60 metros de altura controlaria toda a iluminação. Haveria uma concha acústica para shows e eventos cívicos. Um dos patamares teria um pequeno lago artificial e bastante vegetação, além de bancos. As obras da Praça Roosevelt terminaram em 1970 para a inauguração, porém as obras só foram concluídas efetivamente dois anos depois, quando Paulo Maluf já era governador de São Paulo. O problema foi que, como a construção da praça foi feita às pressas, começaram a aparecer vários defeitos como infiltrações, rachaduras nas lajes etc., além de a praça passar a ser profusamente freqüentada por traficantes e travestis.

Essa situação perdurou até um pouco depois da chegada da Companhia de Teatro Os Satyros em 2000. Ivam Cabral, nascido no interior do Paraná, e Rodolfo García Vázquez, de São Paulo, foram os fundadores da trupe. Eles se conheceram em 1989, quando Rodolfo tinha criado o espetáculo *Um Qorpo Santo* para a sua companhia de teatro da época, o Teatro de Ava Gardner, e iniciou testes para o papel do protagonista. Ivam se inscreveu e passou no teste. Os Satyros seriam fundados alguns meses depois deste encontro.

A cia. de teatro começou a incorporar a idéia de libertinos quando estrearam no Teatro Guairinha, em Curitiba, com a peça *Sades ou Noites com os professores imorais*, de Marquês de Sade, adaptação da obra *A filosofia na alcova*. A ideia do Marquês de Sade é justamente desconstruir toda a estrutura social evidenciando a forma como ela é podre. Suas personagens possuem motivações puramente perversas e o bem nunca prevalece. Era exatamente este o espírito que Os Satyros queriam levar para o palco. A peça foi levada



para São Paulo algum tempo depois, e ainda hoje é apresentada, sob o nome de *A Filosofia na Alcova*.

Em 1992, Os Satyros receberam um convite para participar do Festival do Porto, na Europa, com a peça *Saló, Salomé*. Além desse festival em Portugal, o grupo participou de mais alguns em outros locais da Europa, como França, Inglaterra e até na Ucrânia.

Quando os Satyros se mudaram definitivamente para a Praça Roosevelt, em 2000, houve muita resistência por parte dos traficantes e travestis que dominavam a região na época. Depois de conquistada a confiança da população, o número de espectadores começou a aumentar consideravelmente.

Em 2004, montaram a peça *Transex, A vida na Praça Roosevelt*, em *A Herança do Teatro e O céu é cheio de uivos, latido e a fúria dos cães da Praça Roosevelt*. Todos estes espetáculos levavam para o palco o próprio entorno da praça. Ou seja: passou a haver ali uma apropriação cultural do ambiente, que ganharia mais consistência após a companhia instalar bares com mesas nas calçadas da região. Nesta ocasião, a praça já era completamente diferente do que Os Satyros haviam encontrado. A cultura espantou a marginalidade.

Depois de uma visita do governador do Estado de São Paulo, José Serra, ao espaço do Satyros, o grupo e o governador tiveram a idéia de montar uma escola de teatro em um prédio abandonado ali perto. O Estado assumiu posse do prédio e os Satyros cuidaram do projeto. Este projeto sintetiza a apropriação artística que Ivam e Rodolfo planejavam quando se estabeleceram na praça. O bairro ainda é o que é, mas a praça deixou de ser o centro de toda a violência da região. Ao contrário: se tornou o grande foco de cultura do País. Além do teatro Studio 184, a praça recebeu mais outros teatros: Espaço dos Satyros Um: o Teatro do Ator, o Espaço Parlapatões, o Minitatro e o Espaço dos Satyros Dois, além do Cultura Artística, que já tem história na cidade.

OBJETIVO

Objeto

- Os 20 anos da Companhia de Teatro Os Satyros



- Os 40 anos da Praça Roosevelt

Objetivo geral

- Relatar os 20 anos de Os Satyros junto com os 40 anos da construção da nova Praça Roosevelt.

Objetivos específicos

- Montar um panorama da vida cultural e boêmia na Praça Roosevelt e arredores durante os anos 50;
- Relatar o processo de concepção da praça; contar o processo de construção da praça;
- Relatar o episódio de inauguração da praça mesmo sem as obras acabadas;
- Contar a forma como a praça foi aos poucos sendo abandonada pelo poder público;
- Analisar os fatores que tornaram a praça propícia ao acúmulo de marginalidade;
- Analisar as intenções dos administradores da cidade de São Paulo ao construir uma praça inteiramente de concreto em um dos pontos da boemia;
- Analisar a decadência de um dos pontos mais boêmios da cidade após a construção da praça;
- Relatar o surgimento da Companhia de Teatro Os Satyros;
- Enumerar as propostas artísticas de Os Satyros (e suas influências);
- Contar a forma como a companhia foi recebida pela crítica em São Paulo;
- Mostrar o que a companhia tinha de diferente em relação aos outros grupos existentes;
- Contar o processo de exílio da companhia na Europa e a forma como foram recebidos;
- Contar o processo de retorno do grupo e a fixação na Praça Roosevelt;
- Contar como foi o processo de adaptação de uma companhia de teatro num dos locais mais perigosos da cidade;
- Contar como a companhia de teatro adaptou sua estética artística para se valer dos elementos presentes na praça em sua proposta artística;



- Contar como a presença do público de Os Satyros fez com que o ambiente na praça fosse modificado;
- Contar o processo de revitalização ocorrido na praça depois da chegada de Os Satyros.

JUSTIFICATIVA

- A cia. de Teatro Os Satyros completa 20 anos em outubro de 2009;
- A Praça Roosevelt completa 40 anos em janeiro de 2010;
- Os Satyros são uma das companhias mais representativas do cenário alternativo de São Paulo;
- A cia. é responsável pelo processo de revitalização da Praça Roosevelt, que até então estava abandonada e entregue à marginalidade;
- A Praça Roosevelt foi concebida para ser um símbolo de poder em uma época justamente de ostentação de poder – a ditadura militar;
- A construção da praça, consequência do projeto do Elevado Costa e Silva, foi fundamental para o processo de urbanização da cidade de São Paulo;
- A Praça Roosevelt, antes de sua construção, era ponto de boemia de São Paulo, onde se encontravam artistas e intelectuais. Foi ali que surgiram os primeiros sinais da vinda da Nouvelle Vague para o Brasil, movimento que contribuiu para o surgimento do Cinema Novo. Foi também ali que a bossa nova apareceu quando veio do Rio Para São Paulo. A primeira apresentação de Elis Regina em São Paulo também foi na praça.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

- Consulta a materiais bibliográficos referentes aos temas;
- Pesquisas em acervos de grandes jornais (*O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Diário Popular, Jornal da Tarde*) que participaram da cobertura da construção da praça;
- Pesquisa no acervo histórico da Prefeitura de São Paulo;
- Entrevistas com membros da Companhia de Teatro Os Satyros;
- Entrevistas com moradores da Praça Roosevelt;
- Acompanhamento do trabalho desenvolvido pela companhia;
- Acompanhamento da rotina da companhia;
- Visitas à praça para acompanhar a efervescência do lazer ligado ao teatro;



- Pesquisa em material relacionado ao teatro para compreender o trabalho da companhia.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A linguagem adotada para escrever o livro *Satyrizando a Praça Roosevelt* caracteriza-se como literária e não linear. De maneira geral, a história da praça e do Satyros é contada respeitando-se uma linha cronológica, porém, para deixar o livro mais dinâmico, em certos momentos conta-se primeiro sobre o momento atual para depois explicar como aquele fato aconteceu. Um bom exemplo seria sobre como é relatada no livro, a história da peça “*Monólogo da Velha Apresentadora*”. O enredo da peça conta sobre a vida de Febe Camacho, sendo uma sátira da história de Hebe Camargo. No livro, inicialmente é feita uma comparação sobre a Hebe Camargo de hoje e a Hebe de alguns anos atrás. Em seguida, conta-se toda a trajetória da Hebe para ao fim explicar a construção do enredo da peça.

Assim como em toda produção jornalística, o livro *Satyrizando a Praça Roosevelt* foi feito por meio de entrevistas, debates, pesquisas em livros, jornais, revistas e internet.

O livro reportagem tem até cinco classificações diferentes, se levarmos em conta os critérios de Edvaldo Pereira Lima em *Livro Reportagem: Conceito e Classificação*. O autor propõe uma classificação aos livros reportagens de acordo com a linha temática, o modelo de tratamento narrativo. Para isso, o critério adotado pelo autor toma por base dois fatores relacionados: o objetivo particular do autor em informar e orientar e a natureza do tema que trata a obra.

Assim, *Satyrizando a Praça Roosevelt* entraria nas seguintes categorias: livro reportagem perfil, livro reportagem retrato, livro reportagem história, livro reportagem atualidade e livro reportagem antologia.

CONSIDERAÇÕES

Durante o processo de apuração das informações que integrariam o livro, o grupo se deparou com algumas questões éticas, como o fato de lidar com fontes de informação por diversas vezes unilateral. Há às vezes na sociedade um certo senso de que a história é feita



através do ponto de vista de quem a conta, podendo muitas vezes a versão sobrevivente não ser exatamente a versão mais correta do assunto. Com Os Satyros, pode não ter sido diferente.

Ocorre que todas as pessoas envolvidas possuem ou possuíram ligações com a companhia. Por se tratar de pessoas ligadas às artes, por vezes as declarações vieram carregadas de aspectos profusamente passionais, típicos da ligação com o tema.

Em partes, a opção por tornar a narrativa como participativa, fazendo com que o “narrador” estivesse acompanhando os fatos, veio deste aspecto. A forma como os membros da trupe estavam imersos na história da companhia fez com que fossem levantadas informações o bastante para que esta forma de narrativa viesse à tona.

Tendo em mente a legitimidade, a partir de um próximo acompanhamento, do discurso dos membros da trupe, não foi difícil associar as transformações da Praça Roosevelt ao trabalho exibido no palco. Durante este ano de 2009, muito foi falado sobre a “revitalização” da Praça Roosevelt, mas algumas coisas não foram levadas em conta. Por exemplo, o fato de a praça jamais ter sido reformada pelos órgãos públicos, o que descaracteriza completamente o conceito de “revitalizar”. O processo ocorrido ali foi de “higienização”: com maior público frequentando o local e com o resgate do perfil cultural, houve valorização dos imóveis, o que fez com que as travestis que ali moravam fossem procurar locais mais baratos para viver. Já os traficantes saíram mais amigavelmente: sem o perfil de “local de prostituição” e com uma recente amizade com o pessoal do teatro, já não fazia mais sentido quebrar todas as lâmpadas para que a praça ficasse completamente escura à noite, propícia para o tráfico. Então foram embora.

Mas note: afóra a saída dos traficantes e travestis, não houve significativas mudanças na praça. Visualmente, é o mesmo lugar. Porém, os próprios órgãos públicos se escoram no título de “praça revitalizada”. Como o próprio Ivam Cabral, diretor dos Satyros, costuma dizer, “A verdadeira revolução foi estética”.

Esta questão da “pseudo-revitalização” surgiu após um tempo de pesquisa. Parte da mudança da praça é completamente notável: a vida noturna dali é mais do que emblemática, com tantos – e diferentes – teatros e atrações musicais. Mas, como em todo o centro de São



Paulo, ainda há muitos mendigos. Na praça, especificamente, há o baixo do pentágono, onde eles podem facilmente se alojar, o que torna o número deles ainda mais freqüente.

As outras questões éticas acabaram aparecendo conforme as peças eram vistas. A Trilogia Libertina, por exemplo, que é baseada na obra de Marquês de Sade, ela coloca em debate a perversidade do homem e seus mecanismos de opressão social. É impossível sair do teatro sem associar as idéias de Sade (sobretudo sobre política e religião) ao mundo em que vivemos.

Liz, por exemplo, fala, entre outros temas, sobre a relação entre artistas e a realeza, o que seria uma combinação bastante explosiva dado o teor subversivo de algumas obras.

O Amante de Lady Chatterley trata do sexo. Afinal, o sexo não seria apenas um resquício o homem primitivo, que deveria ser eliminado dos hábitos do homem moderno? Este é o discurso de um dos personagens, que fica paralisado da cintura para baixo (e impotente) após ferir-se na guerra. Sua esposa, após um longo período de celibato, começa a ficar com os nervos à flor da pele, até que decide recorrer a um amante.

Havia também as peças ambientadas na própria praça, que levavam as questões para o palco, como as travestis, a violência, o tráfico e a pobreza. Ou seja, a história que a é contada no livro já carrega questões éticas por si só, mesmo antes de começar o processo de apuração.

A realização desse projeto foi muito interessante e muito desafiadora ao mesmo tempo. *Satyrizando a Praça Roosevelt* foi o primeiro livro a contar com detalhes toda a história do Satyros. Até então, apenas Alberto Guzik havia feito uma publicação sobre a companhia: *Os Satyros: um palco visceral*, que é apenas uma entrevista com Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, sem nenhum outro tipo de apuração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. Projeto da Praça: Convívio e Exclusão no Espaço Público. 1ª edição. São Paulo. Editora Senac, 2004. 292 p.



BARBERO, Heródoto. *Meu Velho Centro: Histórias do Coração da Cidade*. 1ª edição. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007. 160 p.

BORELLI, Helvio. *Noites Paulistanas*. 1ª edição. São Paulo. Editora Arte e Ciência, 2005. 156 p.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Depois do Sol*. 1ª edição. São Paulo. Editora Global, 1965. 208 p.

CABRAL, Ivam. *Quatro Textos para um Teatro Veloz*. 1ª edição. São Paulo. Imprensa Oficial, 2007. 280 p.

GUZIK, Alberto. *Os Satyros: Um Palco Visceral*. 1ª edição. São Paulo. Imprensa Oficial, 2006. 344 p.